



Entrevista

Sandra Caldas, administradora da Work3, destaca

“Surpreendemos quando mostramos o nosso portfólio, que inclui cerca de uma centena de projetos”

Está sediada em Monção, mas tem um curriculum internacional. Recebeu recentemente o prémio “Melhor Desenvolvimento Industrial e Logístico de África”, atribuído no Africa Property and Investment Summit.

Quais os aspetos que destaca no percurso da Work3 que permitiram chegar ao atual patamar da sua atividade?

A Work3 surge no mercado com uma missão central: superar as expectativas dos clientes nas áreas da Engenharia, Arquitetura e Fiscalização, promovendo soluções inovadoras e alternativas, pautadas pelos mais elevados padrões de excelência e rigor. O que tem permitido à Work3 destacar-se das restantes empresas do setor tem sido a atenção que dá aos processos que gere, a rapidez com que responde aos desafios e as soluções que aporta a cada cliente. Um dos lemas que temos é que ‘se fosse fácil não era para nós’. Batalhamos todos os dias por uma solução à medida, não existindo a opção ‘chapa 5’, o que requer muito trabalho e dedicação. Para nós, todos os pormenores são importantes, em todas as fases de cada projeto. ‘O diabo está nos detalhes’, como dizia Mies van der Rohe.

Neste momento que serviços têm mais peso na atividade da empresa?

Não podemos afirmar de forma clara se a atividade da empresa assenta mais no projeto ou na fiscalização, a verdade é que somos procurados por clientes que pretendem soluções inovadoras, eficientes e à medida das suas necessidades. No exterior somos muitas vezes procurados por clientes que possuem uma imagem a ‘cuidar’ e querem ter a certeza que os seus projetos são implementados com qualidade, cumprindo o orçamento e os prazos estabelecidos, sempre sem descuidar as questões de segurança e higiene no trabalho e o meio ambiente.

O facto de a empresa estar sediada em Monção foi um fator limitador?



“A nossa atividade é apoiada na inovação, tecnologia, sustentabilidade, eficiência e uma conduta responsável e competente”, destaca Sandra Caldas

No início não era obstáculo porque trabalhávamos quase exclusivamente para o estrangeiro. No entanto, para o mercado nacional, estarmos sediados em Monção era de facto algo limitador. Para além do nosso trabalho, necessitávamos ainda de lutar diariamente com três desafios: o preconceito de sermos uma empresa do interior e de um município ‘pouco relevante’, por ter pouca visibilidade em termos nacionais; estarmos distantes dos grandes centros de decisão incorrendo em mais custos do que uma empresa localizada nos grandes centros; sendo também mais difícil contratar profissionais especializados. Porém, isso está a mudar. Acabamos por surpreender quando mostramos o nosso portfólio, que inclui cerca de uma centena de projetos, nacionais e internacionais, nomeadamente em Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e Portugal. O nosso portfólio é o nosso cartão-de-visita e as pessoas, os empresários e os decisores, já compreendem

que a qualidade do serviço nunca está em causa. Claro que isso não significa que não estejamos a pensar em estar presentes noutras localidades, prova disso mesmo foi a abertura do escritório no Porto em 2018 e esperamos abrir em 2020 em Lisboa.

Qual o peso da atividade da Work3 em Portugal e países africanos?

Na verdade, a Work3 nasce imediatamente com um posicionamento internacional, mas com crescente presença no mercado português a partir de 2017. Queremos continuar a crescer e a consolidar o nosso posicionamento, mantendo os padrões de exigência e a qualidade que o mercado, nacional e internacional, nos reconhece. O peso da atividade da Work3 em Portugal tem vindo a subir gradualmente ao longo dos últimos anos, fruto do esforço que temos efetuado para crescer internamente e também do mercado. Se em 2017 o peso do mercado

externo era de 95%, em 2019 será apenas cerca de 50%.

O que significou o prémio “Melhor Desenvolvimento Industrial e Logístico de África”, atribuído no Africa Property and Investment Summit?

Este prémio significa, acima de tudo, que o posicionamento que sempre tivemos foi o correto. Apostar na qualidade dos nossos serviços independentemente da localização dos nossos projetos. Este prémio é a confirmação que devemos trabalhar sempre com o médio/longo prazo em mente, e não pensar na rentabilidade a curto prazo. Estamos extremamente orgulhosos por ter participado no projeto da Agility, agora reconhecido com o prémio de Melhor Desenvolvimento Industrial e Logístico de África. A plataforma logística possui uma área de aproximadamente 85.000 m², nos quais foram projetados armazéns (34.000 m²), bem como todos os edifícios de apoio e respetiva urbanização. Todos os projetos estiveram a cargo da Work3. Para além do projeto de execução, a Work3 está neste momento a realizar a fiscalização dos trabalhos com uma equipa multidisciplinar.

Que medidas deveriam ser tomadas pelos organismos públicos que permitissem incentivar o emprego no interior?

Destaco essencialmente três propostas: (1) Atendendo à fraca, ou praticamente inexistente, rede de transportes públicos nas zonas rurais, a necessidade de as empresas sediadas no interior terem veículos é maior do que nos centros urbanos, como Lisboa ou Porto, por exemplo. Assim, a tributação autónoma para veículos de empresas – que realmente estejam sediadas em zonas rurais – deveria ser mais baixa; (2) Deveria haver um regime especial para o IRS dos trabalhadores nestas zonas. É difícil convencer as pessoas a sair das grandes cidades. Acredito que, se houvesse uma taxa para estes trabalhadores mais baixa – por exemplo, um desconto de 50%, em que realmente sentissem mensalmente que vale a pena estar no interior, creio que poderíamos reverter este tipo de situação; (3) Também o IRC destas zonas poderia ser mais baixo, para que as empresas tivessem a possibilidade de investir mais